

Diana Medianeira Gomes Silva

**A INFLUÊNCIA DOS ORIXÁS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM
TEREZA BATISTA, DE JORGE AMADO**

**Monografia apresentada ao curso de Letras da
Universidade de Santa Cruz do Sul como tarefa
integrante da disciplina de Monografia II**

Orientador: Prof. Dr. Norberto Perkoski

Santa Cruz do Sul

2016

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu pai Zilmar, por ter me ensinado a ser uma mulher de convicções, pela educação que a mim foi dada e pelas vezes que caí e ele me ensinou como levantar.

Ao meu marido Renan, pela paciência e compreensão pelas vezes que não tive tempo ou que estive ausente.

Aos meus professores Elenor Schneider e Norberto Perkoski, que compreenderam meu trabalho, me incentivaram, colaboraram e estiveram comigo nesta caminhada.

Aos meus amigos de curso, que desde o princípio de tudo estavam junto comigo mostrando interesse pelo meu trabalho e colaborando, de todas as formas possíveis, para o desenvolvimento desta monografia.

E, por fim, mas não menos importante, a minha mãe Iemanjá! *Odoya*, minha mãe!



*“E foi nas ondas do Mar
Que entreguei os meus problemas
E aprendi a confiar
Que todo mal não dura para sempre
E que a paz é uma semente que
precisa semear
E no horizonte de um mar tão infinito
Iemanjá me acolheu e me deu um
mundo mais bonito
Eu abri meu coração, ela me estendeu
a mão
E entreguei meu caminhar a Iemanjá.”*

(Pedido na areia)

RESUMO

Esta monografia analisa a construção da personalidade da protagonista do romance homônimo, *Tereza Batista cansada de guerra*, do autor Jorge Amado. No primeiro momento, abordaremos a vida e a obra do romancista, considerando a relação dele com as religiões de matriz africana. Dando continuidade, buscamos compreender a origem da cultura afro no Brasil. Por fim, através dos estudos realizados, observaremos os arquétipos de Iansã e Omolu na personagem Tereza Batista.

Palavras- chave: Tereza Batista. Jorge Amado. Iansã. Omolu.

ABSTRACT

This paper analyzes the construction of personality of the protagonist from the novel, *Tereza Batista: tired of Wars*, by Jorge Amado. At first, we'll discuss the life and work from the novelist, considering his relationship with the religions of African origin. Continuing, we seek to understand the origin of african culture in Brazil. So, through the studies, we'll observe the archetypes of Iansã and Omolu in the character of Tereza Batista.

Keywords: Tereza Batista. Jorge Amado. Iansã. Omolu.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 JORGE AMADO: VIDA E OBRA	8
1.1 Jorge Amado: o Obá de Xangô.....	12
2 A RELIGIÃO AFRO NO BRASIL	14
2.1 Origens da religião	15
2.2 Sincretismo religioso.....	16
3 A INFLUÊNCIA DOS ORIXÁS NA PERSONALIDADE DE TEREZA BATISTA	18
3.1 Tereza Batista, a filha de Iansã	20
3.2 Tereza de Omolu	27
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho terá como foco principal compreender a atuação dos orixás na personalidade da personagem principal do romance *Tereza Batista cansada de guerra*, do autor Jorge Amado.

Iniciaremos nossa monografia apresentando aspectos da vida e da obra do autor, conhecido no Brasil e fora dele. O escritor teve várias de suas obras adaptadas para o cinema, televisão e teatro, e seus romances foram traduzidos em diversas línguas.

Jorge Amado possuía uma grande habilidade em construir personagens femininas, entre elas, Gabriela, Dona Flor, Tereza e Tieta. Concebia essas mulheres como donas de suas próprias histórias, sem traços de covardia, personagens femininas sem máscaras e desprendidas de qualquer preconceito.

O autor também era um profundo conhecedor das religiões de matriz africana, pois era adepto do Candomblé, usava suas vivências para criar personagens, situações e cenários.

Para que possamos compreender o universo descrito pelo autor Jorge Amado, que inclui as religiões africanas, devemos considerar a presença do negro em nosso país e como se deu sua entrada no Brasil. Dessa forma, observaremos a escravização dos negros e a tentativa de extermínio de sua religião que, aos olhos dos brancos, era pagã, compreendendo o processo de sincretização dos orixás com a finalidade de preservar a sua crença.

Para alcançarmos nosso objetivo principal, estabeleceremos relações entre as ações e o comportamento da personagem Tereza Batista com os arquétipos dos orixás Iansã e Omolu. Analisaremos sua trajetória procurando verificar, na personagem principal, a influência dessas divindades africanas em sua personalidade.

Quanto o processo metodológico que empreendemos para a realização do trabalho, o primeiro passo foi ler a obra *Tereza Batista cansada de guerra*.

Em seguida, realizamos outras leituras, atentando para os aspectos religiosos, nas características ou manifestações dos orixás dentro do enredo, objetivando focar nossa atenção nos pormenores que, por vezes, desaparecem numa primeira leitura, mas que são essenciais para uma análise mais crítica.

Feita essa delimitação, procuramos bibliografia necessária para compreendermos melhor as informações referentes às religiões afro. Ao mesmo tempo, consultamos periódicos, livros e *sites* em que constassem os aspectos biográficos e características do autor Jorge Amado.

Além do aspecto religioso, pesquisamos também os aspectos históricos, nos aprofundamos nas questões relacionadas ao tráfico negreiro e ao sincretismo religioso, bem como incluímos estudos de aspectos psicológicos dos arquétipos com a finalidade de associá-los à concepção religiosa.

Quanto à linha de pesquisa, nosso trabalho vincula-se à de Texto, subjetividade e memória, que está contemplada nas sugestões do Departamento de Letras, desenvolvendo-se na área da literatura brasileira, esfera de atuação dos profissionais dessa licenciatura.

1 JORGE AMADO: VIDA E OBRA

Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, no distrito de Ferradas, município de Itabuna, sul da Bahia. Era filho do fazendeiro de cacau João Amado de Faria e de Eulália Leal Amado. Segundo Massaud Moisés (2004, p. 74), “nenhum escritor brasileiro alcançou, como Jorge Amado, tanto prestígio dentro e fora das nossas fronteiras”. De acordo com o *site* Fundação Casa de Jorge Amado, ele ocupou a cadeira de número 23 na Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono José de Alencar e por fundador Machado de Assis.

Ainda segundo o *site* Fundação Casa de Jorge Amado, o autor consagrou-se com a publicação de mais de quarenta obras, que foram traduzidas para quarenta e nove idiomas, tendo livros adaptados para cinema, teatro e televisão. Em seu repertório literário, percebemos a íntima relação entre a vida e a obra do autor, na divulgação de certa representação do Brasil, as conflituosas e interessantes relações entre arte e política, além da análise de sua visão ímpar de mestiçagem racial, cultural e do sincretismo religioso.

A militância política marcou a vida do escritor baiano nas décadas de 1930 e 1940. Jorge Amado era movido pelo desejo de denunciar as desigualdades. Em 1935 formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. Militante comunista, foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina.

Alfredo Wagner Berno de Almeida destaca que algumas de suas obras movimentaram o governo para solucionar questões administrativas da região cacaeira do sul da Bahia:

Tornam o autor um porta-voz, mesmo que involuntário, de questões políticos-administrativas de Ilhéus de seus textos. Emprestam uma atualidade à ação narrada, que se refere aos anos 20. Revestem de realidade a ficção amadiana, considerando ao mesmo tempo seus decretos como uma resposta imediata a problemas levantados no texto. (ALMEIDA, 1979, p. 259)

Em 1945, foi eleito membro da Assembleia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo sido o deputado federal mais votado do Estado de São Paulo. No período em que foi deputado federal, Jorge Amado criou a “Lei de Liberdade de Culto Religioso”, escrita na Carta Magna em 1946, que foi anexada ao artigo 5º da Constituição da República, promulgada em 1988:

V- é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.

Em vigor até os dias de hoje, a lei tem o intuito de reduzir o número de ataques contra religiões de matriz afro-brasileira. Além de estar legalmente amparada, a liberdade de culto deve ser entendida como um direito universal e uma forma de respeito à individualidade.

No livro *Pequeno dicionário de literatura brasileira*, Massaud Moisés (1998) salienta que no ano de 1947, quando o PCB foi declarado ilegal, seus membros foram perseguidos e presos. Jorge Amado teve que se exilar na França, onde residiu até 1950. De volta ao Brasil, Jorge Amado afastou-se, em 1955, da militância política, sem, no entanto, deixar o quadro do Partido Comunista. Dedicou-se, a partir de então, inteiramente à literatura. Sua principal causa passou a ser a valorização da diversidade cultural e da tolerância, através de personagens populares. Segundo Alfredo Wagner Berno de Almeida (1979, p. 252), o escritor “concebe os seus personagens, que ele afirma retratarem o ‘povo’, como explorados, porém com uma compreensão limitada da própria exploração a que estão sujeitos”.

O autor Sergius Gonzaga (1997), em seu livro *Manual da literatura brasileira*, divide sua obra em duas fases, sendo a primeira caracterizada por um esforço em criar um romance proletário, cujos cenários oscilam entre a zona cacauzeira e o mundo marginal de Salvador.

Ainda, segundo o crítico, trabalhadores ou marginais que vivem em situação de miséria, adquirem uma perspectiva social e passam à ação política. Há um forte sentido político, nesta fase, presente não apenas na elaboração das personagens, mas também via mensagens diretas e panfletárias, emitidas pelo autor. O romancista usa um tom quase naturalista nas narrativas,

apresentando a realidade social em toda a sua violência e miséria, dividindo o mundo em dois: de um lado como heróis, os marginais, trabalhadores, vagabundos, prostitutas e meninos abandonados; de outro, os vilões, a burguesia rural e urbana.

Na segunda fase, Sergius Gonzaga destaca que há uma continuidade entre os romances da primeira e segunda fase, porém novos elementos são introduzidos, permitindo outra caracterização:

Uma nova visão a respeito das massas populares, sobretudo dos setores marginais: antes vistos como miseráveis e o romancista sonhava com uma ordem social diferente que os integrasse numa sociedade justa; agora são encarados como os últimos depositários da liberdade humana, da capacidade de viver sua existência sem preconceitos e só podem ser felizes na medida exata de seu marginalismo. (GONZAGA, 1997, p. 229)

Outra característica importante é a utilização contínua dos valores negros. Desde *Jubiabá*, o autor se aproximava dos rituais afro-brasileiros. Mas antes os personagens superavam a religiosidade para participarem politicamente. Nessa fase, as divindades africanas aparecem na narrativa ao lado do povo, como poderemos ver em *Tereza Batista cansada de guerra*. O autor usa uma linguagem que procura se aproximar da oralidade e da literatura de cordel.

Nessa segunda fase, surgem as protagonistas femininas em seus romances homônimos *Gabriela cravo e canela*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Tereza Batista cansada de guerra* e *Tieta do agreste*. Mulheres do povo, sensuais e estonteantes, cada uma à sua maneira, personagens que ficaram conhecidas, tanto através das obras quanto também pelas adaptações para a televisão e para o cinema. Elas carregam consigo características da mulher brasileira, retratadas por Jorge Amado como verdadeiras heroínas.

Sergius Gonzaga, em uma matéria para o jornal *ZH digital*, intitulado “As mulheres de Jorge Amado”, salienta a liberdade dessas personagens femininas descrevendo-as como “libertárias, ou, caso de Dona Flor”, como transgressora sexual, que apresenta “uma ruptura com a moralidade tradicional”.

Em *Gabriela cravo e canela*, sua primeira protagonista dessa fase, o autor enfatiza a mistura racial e o erotismo. As mulheres passam ao centro das

narrativas como agentes do próprio desejo. A retirante chega a Ilhéus em 1924 e passa a trabalhar para o árabe Nacib, dono do bar Vesúvio. Ela assume a cozinha do bar e logo os moradores, em particular os homens da cidade, são atraídos pelo seu tempero e por sua beleza.

A sensualidade e a liberdade de Gabriela seduzem Nacib que, apaixonado, casa-se com ela. Contudo Gabriela trai o marido e ele, em vez de matá-la, como se costumava fazer com as mulheres adúlteras na época, lhe dá uma surra e anula o casamento. Por pouco tempo, pois Gabriela volta a ser sua cozinheira e amante.

Dona Flor e seus dois maridos faz uma ruptura na moralidade tradicional. Florípedes Paiva, mais conhecida por Dona Flor, era casada com o boêmio Vadinho, mas acaba ficando viúva. Passado o luto, casa-se novamente com Teodoro, homem calmo, diferente do falecido marido, em tudo fiel e regular: sexo às quartas e aos sábados, com direito a repetição aos sábados e facultativo às quartas. Teodoro traz de volta a paz para a vida de Dona Flor.

No entanto, Dona Flor começa a ver Vadinho nu e a tentá-la a trair o marido. Depois de muito resistir, Dona Flor acaba cedendo e assim começa um triângulo amoroso: Flor, Teodoro e Vadinho, vivendo em matrimônio ao mesmo tempo, Vadinho, nu e invisível a todos, menos para a esposa. Dona Flor compensa em um casamento o que lhe falta no outro, desfruta da paixão e do erotismo ao lado de Vadinho e da calma e segurança trazidos pela relação com o farmacêutico Teodoro.

Tereza Batista, a protagonista do romance homônimo, é uma mulher guerreira e inteligente, maltratada pela vida de violências físicas e sexuais. Jorge Amado denuncia as condições das mulheres em algumas regiões em meados do século XX.

Tereza fica órfã muito cedo, vendida pela tia para o capitão Justiniano ainda criança. Sofre abusos psicológicos e sexuais, torna-se prostituta e mesmo em meio à adversidade não perde o senso de justiça e compaixão. Tereza Batista é senhora de seu destino.

Em *Tieta do agreste*, Tieta é uma personagem que tem como perfil uma oposição a tudo que era convencional para mulher até o início da década de 1970. Tieta fora expulsa pelo pai, aos dezesseis anos de idade, por ter tido relações sexuais com um rapaz. Após vinte e seis anos, a personagem retorna à cidade de Santana do Agreste, apresentando-se como uma viúva rica e generosa, escondendo sua verdadeira condição de dona de um bordel de luxo em São Paulo.

A personagem é colocada em uma posição de heroína pelos moradores da cidade, quando luta contra o estabelecimento de uma indústria no local que, embora pudesse trazer progresso à cidade, provocaria uma série de consequências ambientais. Mas só é aceita pela cidade enquanto finge ser o que não é. Quando todos descobrem sua real identidade, mais uma vez é rejeitada e retorna à cidade de São Paulo.

Em 6 de agosto de 2001, após sucessivas internações, Jorge Amado morre em Salvador, Bahia. A seu pedido, foi cremado, e as cinzas, colocadas ao pé de uma mangueira em sua casa.

1.1 Jorge Amado: o Obá de Xangô

Um aspecto relevante em sua biografia, que merece ser mencionado, é que o romancista, aos quinze anos, foi apresentado à religião afro, tornando-se frequentador assíduo de terreiros. Foi amigo de grandes mães de santo de Salvador. Em seus romances, Jorge Amado usa elementos: o terreiro, os orixás, os pais e mães de santo, os ogãs e os filhos de santo, para compor seus enredos e personagens.

Reginaldo Prandi defende o ponto de vista de que

Jorge Amado contribuiu decisivamente com seus romances para a divulgação do Candomblé pelo Brasil afora e além dele. Sua obra é fonte importante de legitimidade da religião dos orixás. Antes de seus livros, a dimensão humana de homens e mulheres que acreditam nos orixás e se dedicam a seu culto e ao cultivo da memória africana no Brasil era totalmente desconhecida dos brasileiros fora dos terreiros. (PRANDI, 2012, p. 93)

Reginaldo Prandi ainda destaca que Jorge Amado, ao lado do fotógrafo e etnógrafo Pierre Fatumbi Verger, do sociólogo Roger Bastide e do artista

plástico Carybé, três estrangeiros, compartilhava do mesmo ponto de vista: a valorização da cultura negra, visando desvendar o sentido poético, estético, sociológico e religioso de suas manifestações.

A familiaridade com a religião Ihe permitiu construir suas obras literárias, o que Ihe rendeu reconhecimento por parte do Candomblé, que retribuiu com cargo honorífico o título de Obá de Xangô, honraria que os terreiros costumam conferir a protetores e amigos importantes.

A seguir, observaremos a chegada do negro no Brasil, trazendo consigo suas crenças e tradições. Enfocaremos principalmente a questão das religiões de matriz africana que, apesar de toda a repressão do homem branco contra sua manifestação, permaneceu viva através do sincretismo.

2 A RELIGIÃO AFRO NO BRASIL

A história religiosa da etnia negra no Brasil começou com a perda dos valores adquiridos em solo africano em função da impossibilidade do culto às suas divindades na senzala. Em virtude disso, surgiu a primeira dificuldade na prática de um culto, visto que várias línguas eram faladas pelos negros em um mesmo ambiente. Ainda assim, suas religiões, quaisquer que fossem, estavam ligadas a certas formas familiares.

Pierre Verger nos afirma:

A forte predominância dos iorubás, de seus usos e costumes na Bahia, seria explicável pela vinda recente e maciça desse povo, e a resistência às influências culturais de seus donos viria da presença, entre os iorubás, de numerosos prisioneiros de guerra advindos de classe social elevada, além de sacerdotes conscientes do valor de suas instituições e firmemente ligados aos preceitos de sua religião. (VERGER, 2002, p. 27)

Quando aqui chegavam, eram obrigados a serem batizados, dado que não tinham alma. Mesmo com toda a repressão, a religião africana permaneceu viva, devido à constante chegada de novos negros ao Brasil. Os negros que aqui já habitavam até podiam estar sob controle, porém os que aqui chegavam estavam ainda ligados aos ritos africanos, assim souberam ao longo do tempo unir de maneira adequada os negros de várias nações e línguas diferentes, naquilo que tinham em comum, os orixás.

Ocorreu então a primeira mudança em seus cultos religiosos. Em determinados grupos africanos, havia um culto particular para uma determinada divindade. Isso não era mais possível em solo brasileiro, visto que em uma senzala existiam vários cativos de diferentes regiões africanas. Era necessário, portanto, cultuar grupos de divindades. O culto comum era um elo de resistência e solidariedade entre os cativos.

Na África, as divindades eram cultuadas em benefício de toda uma comunidade; aqui perdiam essa função, como, por exemplo: Ogum era o deus do metal, material este com que a comunidade fazia seus instrumentos de trabalho, que usavam na agricultura e dessa cultura obtinham seus alimentos. No Brasil, o metal os acorrentava e os torturava, não tinha sentido cultuar uma divindade que estava contra seu próprio povo. Assim, Ogum passou a ser o deus da guerra, que lutaria por seu povo devolvendo-lhe a liberdade.

Vagner Gonçalves da Silva (1994), em seu livro *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*, faz referência a duas religiões principais que se desenvolveram no Brasil, a Umbanda e o Candomblé. O autor ainda trata a questão do sincretismo entre os deuses africanos e os santos católicos, mostrando como as representações da religião afro estão inseridas no catolicismo, analisando o sincretismo como uma forma de opressão, forçando os negros a adotarem a crença religiosa dos brancos, o cristianismo.

2.1 Origens da religião

A religião de matriz africana, com o culto aos deuses da África, foi trazida pelos negros durante o tráfico de escravos, principalmente pelos povos da região iorubá (nagô), Daomé, Angola, Nigéria e Congo.

As religiões africanas não têm textos escritos, o que torna difícil uma pesquisa precisa. Parte dos conhecimentos sobre a religião apoia-se na observação dos europeus, sejam eles colonizadores ou missionários. De acordo com o autor Jostein Gaarder, no seu livro *O livro das religiões*:

Tais descrições são muito influenciadas pelas constantes comparações entre a vida religiosa e cultural do local e o cristianismo e a cultura ocidental. Mais recentemente, etnólogos e antropólogos sociais vêm se utilizando de métodos científicos modernos para estudar as religiões africanas, porém mesmo eles as veem de uma perspectiva externa. (GAARDER, 2000, p. 89)

Ainda de acordo com o autor Jostein Gaarder (2000), uma fonte de conhecimento sobre as religiões africanas são os mitos que sobreviveram através da oralidade. Uma das características das religiões afro é o sincretismo que surgiu em torno das missões cristãs.

A Umbanda, popularmente conhecida como religião de matriz africana, deve sua origem, de acordo com o autor Vagner Gonçalves da Silva (1994), por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas passaram a mesclar nas suas práticas elementos da religião afro, os orixás, e a defender publicamente essa mistura, com o objetivo de torná-la aceita como uma nova religião.

Assim, predominou a sincretização da cultura iorubá sobre os orixás, acrescentando outros elementos aos cultos como os caboclos, as entidades indígenas, o kardecismo e os pretos velhos.

Em tradução livre, a palavra “orixá” significa a divindade que habita a cabeça. Em iorubá, “*ori*” é cabeça, enquanto “*xá*”, rei, divindade, e é associada frequentemente ao diversificado panteão africano, trazido ao Brasil pelos escravos africanos.

Cada orixá relaciona-se a elementos da natureza, os quais são também pontos de força de sua atuação, portanto os orixás são agentes divinos. Para Pierre Verger, a definição de orixá é ainda mais ampla:

O orixá é força pura, àse imaterial que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles. Esse ser escolhido pelo orixá, um de seus descendentes, é chamado seu *elégùn*, aquele que tem o privilégio de ser “montado”, *gùn*, por ele. Torna-se o veículo que permite ao orixá voltar à terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram. (VERGER,1997, p. 19, grifos do autor)

Na citação acima, o autor usa o vocábulo africano *àse*, traduzido para o português “axé”, que significa a força sagrada de cada orixá. Geralmente é usada esta expressão como uma saudação em que se deseja ao outro energia e força.

De acordo com Ademir Barbosa Júnior (2014, p. 42), determinado orixá, “pai” ou “mãe de cabeça”, é conhecido comumente como *eledá* e será responsável pelas características físicas, emocionais, dentre outras, de seu filho, de modo a espelhar nele os arquétipos de suas características.

2.2 Sincretismo religioso

Sincretismo é conceito usado para designar o cruzamento de ideias e doutrinas diferentes, sobretudo no contexto religioso. Nessa perspectiva, o sincretismo caracterizaria o resultado da combinação de crenças de natureza diversa, arranjadas de maneiras variadas, conforme as religiões postas em contato.

No Brasil, a definição de sincretismo foi utilizada basicamente para analisar as relações entre o catolicismo trazido pelos colonizadores portugueses e as manifestações religiosas de origem africana.

Os negros eram batizados católicos, aprendiam as crenças através dos ensinamentos cristãos, porém continuavam a cultuar seus deuses por trás das imagens dos santos católicos. Luís Henrique Dias Tavares considera:

Esses orixás são identificados na Bahia (Salvador) com alguns santos e santas da Igreja Católica Romana, com os quais não têm nenhuma relação, fenômeno de sincretismo religioso que se explica pela adaptação de velhas religiões animistas no ambiente e nos costumes da sociedade baiana fortemente repressiva a tudo que não fosse no padrão da religião oficial: a Católica. (TAVARES, 1979, p. 38)

Vagner Gonçalves da Silva (1994) refere-se ao sincretismo como um elemento de resistência contra a dominação branca. Uma das leis do acordo entre a Coroa portuguesa e a Igreja era que o escravo que no Brasil chegasse tinha o prazo de cinco dias para ser batizado, dessa forma, competia à Igreja aplicar os sacramentos básicos para transformar os pagãos em cristãos. Apesar de os negros serem cristãos, não recebiam nenhum tratamento fraterno ou mesmo humano, continuavam a viver sob a violência, uma das características mais marcantes desse sistema socioeconômico, que era usada como forma de controle.

A elite católica branca considerava as expressões de espiritualidade dos africanos e seus descendentes como associada ao mal, ao diabo cristão, caracterizando-a pejorativamente como primitivo. Para manter a liberdade de seus cultos, ainda que restritos às senzalas, ou escondidos, os orixás, através de seus elementos de atuação, foram associados aos santos católicos. Tal relação ainda se preserva até os dias de hoje, sendo comum encontrarmos imagens de santos católicos nos altares de algumas casas de Umbanda.

No próximo capítulo, compreenderemos com mais clareza o que é uma personagem e como pode se dar o seu processo de construção. Após, analisaremos os arquétipos dos orixás, Iansã e Omolu, na construção da personalidade da protagonista Tereza Batista.

3 A INFLUÊNCIA DOS ORIXÁS NA PERSONALIDADE DE TEREZA BATISTA

Com a finalidade de compreendermos como Jorge Amado usou seu conhecimento sobre a religião afro para compor a personagem Tereza Batista, do romance *Tereza Batista cansada de guerra*, temos que distinguir que, embora a personagem tenha atributos de uma pessoa física, ela vive apenas na mente do autor e de seus leitores.

Para Beth Brait, as personagens são seres fictícios criados pelo escritor que apresentam características físicas e psicológicas à semelhança de qualquer indivíduo. São constituídas apenas pelas palavras que a estruturam, portanto são diferentes de uma pessoa: a personagem “representa” uma pessoa, segundo modalidades da própria ficção. A autora ainda acrescenta:

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. (BRAIT, 2002, p. 11)

Jorge Amado criou Tereza, a protagonista do romance *Tereza Batista cansada de guerra*, uma personagem livre, comovente, indomável, sedutora e determinada. Em certos momentos, ela é valente e destemida; em outros, submissa e vulnerável. Uma personagem plausível de existir fora da literatura, uma mulher com personalidade e sentimentos, sofre, pensa e ama. Suas ações fazem dela uma personagem complexa. De acordo com Antonio Candido:

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira que ela possa dar impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. (CANDIDO, 2002, p. 59)

Dessa forma, percebemos Tereza como um ser dotado de personalidade que recebe a influência de seus orixás, lansã dona da sua cabeça em comunhão a Omolu. Pierre Verger (1997) salienta que, embora os filhos de um determinado orixá não possuam laços de sangue, pode haver entre eles certas

afinidades de temperamento, correspondendo de forma inata ao comportamento daquela divindade, o que o autor chama de arquétipo. Na obra analisada, Tereza é corajosa e impetuosa como seu orixá de cabeça lansã, por outro lado é observadora como Omolu, arquétipos de seus orixás.

Cada indivíduo possui dois orixás que o influenciam, um de forma mais evidente, geralmente o dono da cabeça, e outro mais discreto. Apesar disso, o outro orixá que tem a influência mais branda pode interferir no comportamento dessa pessoa.

Carl Jung (2014) define arquétipo como uma forma universal de pensamento que contém um grande elemento de emoção. Essa forma de pensamento cria imagens que correspondem na vida a alguma situação do consciente. Os arquétipos nascem da incessante renovação das vivências experimentadas ao longo de várias gerações. Carl Jung ressalta:

Os ensinamentos tribais primitivos tratam de arquétipos de um modo peculiar. Na realidade, eles não são mais conteúdos do inconsciente, pois já se transformaram em fórmulas conscientes, transmitidas segundo a tradição, geralmente sob forma de ensinamentos esotéricos. Estes são uma expressão típica para a transmissão de conteúdos coletivos, originariamente provindos do inconsciente. (JUNG, 2014, p. 13)

Para Carl Jung (1994), os arquétipos são componentes do inconsciente coletivo, constituindo-se base herdada racial de toda a estrutura da personalidade: o reservatório de traços da memória latentes herdados do nosso passado ancestral, um resíduo acumulado em consequência de repetidas experiências ao longo de muitas gerações.

Tereza Batista apresenta os arquétipos de determinados orixás, influência esta que justifica certas atitudes tomadas por ela. As características, típicas dos filhos de lansã e de Omolu, no modo de agir da protagonista, se manifestavam nela antes mesmo de a própria Tereza saber quais eram os orixás que a regiam.

3.1 Tereza Batista, a filha de lansã

A narrativa constitui-se de forma bem singular, em cinco partes que tem como estrutura a história da heroína Tereza Batista. Suas peripécias são contadas por várias vozes. Até o poeta Castro Alves ressurgiu dos mortos para exaltar os feitos de Tereza, as ações sendo narradas à moda de um romance de cordel.

A obra possui vários narradores, as partes não se organizam em um tempo cronológico rígido, mas a partir de uma temporalidade recortada. A narrativa reconta a trajetória de Tereza em sua fase adulta e, em alguns momentos, relata acontecimentos da sua infância.

Essa forma de narrativa ocorre pela necessidade da construção literária, visto que existe um narrador que tenta conhecer a verdadeira história da protagonista e torná-la o mais verossímil possível, sendo auxiliado por vários outros narradores que também não sabem a história de Tereza completa. Por esse motivo, o enredo não é plenamente linear, os vários narradores contribuem na narrativa com fatos que viveram com a personagem principal ou que testemunharam como simples observadores.

A primeira parte, intitulada “A estreia de Tereza Batista no cabaré de Aracaju”, inicia-se com o episódio em que Tereza faz sua primeira apresentação no cabaré Paris Alegre e acaba se envolvendo em uma briga para defender outra prostituta, que havia tomado um tapa de um homem. Tereza inicia a briga com uma frase muito marcante:

- Homem que bate em mulher não é homem, é frouxo...
Está em frente ao galalau, ergueu a cabeça e lhe informa:
-... e em frouxo eu não bato, cuspo na cara.
A cusparada parte; Tereza Batista, treinada na infância em brinquedos de cangaço e de guerra com petulantes moleques, possui pontaria certa. (AMADO, 2008, p. 20)¹

Já percebemos em Tereza a coragem de lansã, divindade conhecida pela audácia e ousadia. lansã ou Oiá (*Oya*), como também é conhecida no

¹ AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. De ora em diante, todas as citações da obra serão extraídas desta edição, passando a constar apenas o número da página entre parênteses.

Brasil. Foi cônjuge de Ogum², posteriormente fugiu e tornou-se uma das esposas de Xangô, o orixá da justiça. Tanto Xangô quanto Iansã possuem o mesmo elemento de ligação com a natureza: o fogo.

Podemos observar, na ilustração a seguir, os instrumentos carregados pela divindade: a espada, o chifre de búfalo e o *eruexim*, uma chibata feita de rabo de cavalo. De todas as esposas de Xangô, Iansã foi a única que lhe fez companhia em seus combates, revelando-se excelente guerreira, conhecida como a mais corajosa de todas as orixás.



Ilustração de Aurilda Sanches

Site: <https://br.pinterest.com/juniorsenarj/aurilda-sanches/>

² Ogum é considerado pelos lorubás uma divindade e como um herói civilizador. É o orixá dos metais, sendo ele o responsável por forjar o ferro e transformá-lo em espadas.



Iansã e Xangô juntos na guerra.

Ilustração do site: [www. http://oradine.deviantart.com/art/lansa-e-Xango](http://oradine.deviantart.com/art/lansa-e-Xango)

Sendo ela ora mulher, ora búfalo, possui traços do comportamento masculino. Também é considerada como dona do rio Níger, senhora dos raios, trovões, tempestades, dos ventos, bem como dos espíritos desencarnados (*eguns*), conduzindo-os para outros planos.

Iansã simboliza a paixão arrebatadora, irrequieta, impetuosa e de temperamento forte, é a senhora do movimento e, em alguns cultos, também é considerada dona do teto. A ela, seus devotos pedem o bem da casa própria.

Vagner Gonçalves da Silva (1994, p.79) esclarece:

No sincretismo afro-católico, Iansã também foi associada a Santa Bárbara, que atraiu a fúria de seu pai ao se converter ao catolicismo. Condenada à morte, foi o próprio pai que lhe cortou a cabeça, ato seguido por terrível tempestade em que um raio atingiu o executor da santa. Desse modo, Santa Bárbara tem a seu favor o poder do raio, dos ventos e da tempestade, como Iansã. Por isso, a imagem de Santa Bárbara, uma jovem mulher com uma espada, foi também associada ao caráter guerreiro de Iansã.

No sétimo capítulo da primeira parte do romance, a protagonista procura por Januário, o homem que a salvou de apanhar durante a briga no cabaré e por quem Tereza se apaixonou.

Durante esse tempo procurando por Januário, a narrativa descreve alguns ritos africanos amalgamados ao catolicismo, como, por exemplo, a festa de Iemanjá no dia 2 de fevereiro, e as oferendas que a ela são dadas.

Enquanto ocorrem as homenagens a Iemanjá, no mesmo dia os católicos realizam procissões marítimas e levam flores para Nossa Senhora dos Navegantes. Outro rito descrito na narrativa é o da lavagem da escadaria da igreja do Nosso Senhor do Bonfim com as águas de Oxalá. É um ritual anual, que teve origem quando os escravos eram obrigados a lavarem a igreja como parte dos preparativos para a festa do Senhor do Bonfim. Posteriormente, para os adeptos do Candomblé, a lavagem da igreja do Senhor do Bonfim passou a ser parte da cerimônia das Águas de Oxalá. Durante a lavagem, as portas da igreja permanecem fechadas e as baianas despejam água de cheiro nos degraus e no adro, ao som de toques e cânticos de caráter afro-religioso.

Nesse capítulo, dá-se o primeiro indício de que Tereza pode ser filha de Iansã. Através de uma discussão entre os amigos de Januário, mestre Traíra se refere ao terreiro de Bogun, do qual é frequentador. Além disso, diz com convicção a Januário já saber a quem pertence a cabeça de Tereza:

Em sua abalizada opinião, Tereza deve ser filha de Iansã, sendo as duas iguais na coragem, na disposição apesar de mulher, Iansã é santo valente, ao lado de seu marido Xangô empunhou as armas de guerra, não teme sequer os eguns, os mortos, é ela quem espera e saúda com seu grito de guerra: epa heil! (p. 42)

Até este momento da narrativa, não temos certeza do *eledá*, ou seja, o orixá a quem pertence a cabeça de Tereza, apenas elementos que nos sugerem esse entendimento. Em dado momento, Tereza e Januário tomam banho de mar e ele a compara com Janaína, outro nome dado a Iemanjá. Devido à beleza de sua amada, diz ele: “- Agora tu não é Iansã, tu só é Iansã na hora da briga. Agora tu é Janaína, rainha do mar” (p. 59).

Iemanjá é considerada a mãe dos orixás. No Brasil é rainha das águas e dos mares e na nação iorubá está ligada ao rio Yemojá. Iemanjá é a protetora dos pescadores e jangadeiros, e suas festas são muito populares no litoral

brasileiro. Também é considerada como senhora dos mares, das marés, das ondas, da ressaca, dos maremotos, da pesca e da vida marinha em geral. Sua cor predominante é o azul-celeste e sempre carrega um espelho ou *abebê*, como podemos observar na ilustração abaixo.



Ilustração: Aurilda Sanches

Site: <https://br.pinterest.com/juniorsenarj/aurilda-sanches/>

Vagner Gonçalves da Silva (1994) ainda destaca que a divindade pode ser conhecida como Rainha do Mar, Janaína, Mãe d'água, Sereia ou Iara. No reino de Iemanjá, vivem as sereias, seres mitológicos, que muitas vezes encantam os pescadores e os carregam para o fundo do mar.

Iemanjá ficou conhecida como deusa das pérolas, é o orixá que ampara as cabeças dos bebês na hora do nascimento. Rege os lares, as casas, as uniões, as festas de casamento, as comemorações familiares. Ela é responsável pela união no sentido de família, seja por laços sanguíneos ou não.

Não se tem dúvida da coragem da protagonista ao longo do romance. Em outro princípio de briga no cabaré, Tereza se impõe. Suspendendo o busto, com as mãos na cintura e fulgor repentino no olhar, ela ordenou que se o homem tivesse coragem que batesse na cara da prostituta diante de sua presença. Após o comando da destemida prostituta, restabeleceu-se a ordem apenas com a presença imponente de Tereza.

“A menina que sangrou o capitão com a faca de cortar carne-seca” é o título da segunda parte do enredo e volta-se para a infância de Tereza. Órfã muito cedo, sua curta infância foi ao lado da tia Felipa, mulher gananciosa e amarga.

Foi uma criança livre, que gostava de correr, subir em árvores e de se divertir com um vira-lata. Parecia um moleque e com eles brincava, era vista sem malícia e com eles aprendeu que “guerreiros não choram” nos jogos de cangaço e de guerra e até a aceitavam como comandante, ágil e ousada. Ganhava de todos na corrida, ligeira como ninguém, era a única menina a brincar junto aos moleques. A protagonista tem comportamentos masculinos como a divindade Iansã, que atribuímos como orixá dono da cabeça de Tereza.

A tia Felipa via a sobrinha como um ser inútil que apenas lhe dava despesa e daria mais despesas ainda se aparecesse grávida, por isso a vendeu aos doze anos incompletos para o capitão Justiniano. Rosalvo, tio de Tereza e marido de Felipa, era contra a venda da sobrinha, não por motivos nobres, mas porque era ele quem queria desvirginar a menina.

O capitão levou à menina um agrado, um anel de ouro e esmeralda falsos, que a tia Felipa logo pegou para si e deixou bem claro a Justiniano que ele pagou o preço combinado e é o dono. Tereza é mercadoria, é escrava e é objeto.

O primeiro ato de resistência de Tereza ao capitão Justiniano acontece no momento da partida. Segurando a menina pelo braço, o capitão a força a partir, ela, por instinto, o morde e dessa forma consegue fugir. Assim começa uma perseguição à menina. Terto, um capanga que trabalhava para o capitão,

junto a Rosalvo sai na captura de Tereza. Depois de quase uma hora no encalce dela, Terto a encontra:

Agarrou Tereza por um braço. Rosalvo segurava o outro, pálido, esvaído em gozo e medo. Ela se debatia, tentava morder, os olhos em fogo. O capitão veio vindo, de manso, parou em frente à menina, meteu-lhe a mão na cara, a mão grande, gorda, aberta. Uma, duas, três, quatro vezes. Um filete de sangue correu do nariz, Tereza engoliu em seco. Não chorou. Comandante não chora – aprendera com os moleques nas brincadeiras de guerra. (p. 84)

Na casa do capitão Justiniano, Tereza foi estuprada assim que chegou, não existindo nenhuma relação afetiva entre eles e, sim, a condição de escrava sexual. Todas as vezes que Tereza era violentada, ela lutava, reagia não aceitando a sua condição. São muitas as vezes que o capitão Justiniano se questiona por que Tereza não era igual às outras? Por que ela não sentia medo? E toma como desafio domá-la.

A menina, de aparência frágil, porém muito corajosa, busca a liberdade e por diversas vezes tenta a fuga. A única forma de abrandar a valentia da menina Tereza foi com um elemento representativo de seu orixá de cabeça, lansã, o fogo. Tereza teve os pés queimados pelo capitão com o ferro de engomar cheio de brasas. Mesmo no tempo de submissão ao capitão, a personalidade de Tereza condiz com a de uma filha de lansã: impetuosa, destemida e muitas vezes autoritária.

Segundo Pierre Verger, as mulheres de lansã possuem características singulares:

O arquétipo de Oiá-lansã é o das mulheres audaciosas, poderosas e autoritárias. Mulheres que podem ser fiéis e de lealdade absoluta em certas circunstâncias, mas que em outros momentos, quando contrariadas em seus projetos e empreendimentos, deixam-se levar a manifestações da mais extrema cólera [...] (VERGER, 1997, p.170)

Após três anos de escravidão, ela conhece Daniel e se apaixona por ele. É um jovem rico e boêmio, de aparência semelhante ao anjo de um quadro pendurado na parede do quarto do capitão que presenciava toda a violência por ela sofrida. Mesmo com essa aparente submissão ao capitão Justiniano, quando o romance entre ela e Daniel é descoberto e ela presencia o capitão agredindo e humilhando Daniel, homem que amava, não hesitou. Subitamente sua coragem voltou e ela sangra o capitão com a faca da carne-seca.

Ela, ainda menor de idade, vai presa, acaba sendo salva pelo doutor Emiliano, com quem tem uma relação amorosa de seis anos, aborta um filho fruto desse relacionamento, caso este que só foi rompido pela morte do doutor, enquanto mantinha relações sexuais com Tereza.

Compreendemos, a partir dos arquétipos, o comportamento da personagem principal. Apesar de o meio lhe propiciar experiências negativas, como, por exemplo, a questão de ser vendida, subjetivamente sua personalidade resistiu. Seu senso de justiça não se perdeu diante da brutalidade da vida, Tereza fazia-se digna de ser respeitada por mais que a condição fosse hostil.

3.2 Tereza de Omolu

“ABC da peleja entre Tereza Batista e a bexiga negra” é a terceira parte do enredo, e como já diz o próprio título, transcorre durante um surto de bexiga negra (varíola) que assola a cidade de Buquim, interior de Sergipe. Todos abandonam o lugar por medo da peste, incluindo o único médico da região, Oto Espinheira. No pouco tempo em que permaneceu na cidadezinha durante o surto, recebeu a ajuda de Tereza e lhe ensinou possíveis tratamentos.

Quando todos partiram, restando apenas os mais pobres, foi Tereza quem ficou para cuidar dos doentes e para enterrar os mortos, compadecendo-se dos pobres e adoentados que ficaram abandonados à própria sorte.

Omolu é conhecido como o orixá da varíola, médico dos orixás. Por isso, Tereza, ao liderar as prostitutas na luta contra a varíola, foi aclamada no terreiro como Tereza de Omolu. Tereza não temeu a doença, indo ajudar quem necessitava sem nenhum receio, foi caridosa e compadecida. Tereza não esperava nenhum tipo de reconhecimento, ajudou pelo fato de sentir empatia pelo próximo.

Omolu é conhecido também como Xapanã e Obaluaiê. Foi criado por Iemanjá, pois Nanã, sua mãe, o rejeitou por considerá-lo feio, manco e com o corpo coberto de feridas.

Ademir Barbosa Júnior (2014) caracteriza Omolu como o responsável pela passagem de um plano para outro, do carnal para o espiritual. Possui estreita ligação com a morte, é responsável pela saúde e pela doença. Conhecido como o médico dos pobres, com seu *xaxará* (feixe de piaçavas ou maço de palha-da-costa, enfeitada com búzios e miçangas) afasta as enfermidades, trazendo a cura. Omolu também é conhecido como o senhor das calungas, que, para os umbandistas, é o sinônimo de cemitérios. Abaixo, podemos observar que o orixá se veste cobrindo o corpo e o rosto com palha-da-costa, a fim de esconder as marcas da varíola. Esta vestimenta chama-se *filá*.



Ilustração: Aurilda Sanches

Site: <https://br.pinterest.com/juniorsenarj/aurilda-sanches/>

Tereza não fugiu da peste e procurou uma forma de curar os pobres, como Omolu faria. Foi bondosa e não pensou em si, mas sim no bem do próximo, agindo de forma solidária. Podemos perceber isso nesta passagem da obra:

Se o povo de Muricapeba dispusesse de dinheiro e de poder, ergueria na praça de Buquim monumento a Tereza Batista e às mulheres à toa ou bem a Omolu, orixá das doenças e em particular da bexiga, havendo quem diga ter sido ele o verdadeiro responsável, encarnado em Tereza, não passando ela de cavalo-de-santo na memorável peleja. (p. 199)

Em outro momento, essa suspeita se confirma no transcorrer da narrativa: “Como já se disse e soube, o velho não lhe faltou na emergência: montado em Tereza Batista, Omolu expulsara a bexiga de Buquim, vencera a peste negra” (p. 235). Como já vimos anteriormente, o autor usa duas expressões, “cavalo-de-santo” e “montado”, referindo-se a Tereza estar incorporada por seu orixá, Omolu.

Pierre Verger (1997) concebe que o orixá teria o poder de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes, durante o fenômeno de possessão por ele provocado. Ainda destaca que o orixá é imaterial só tornando-se perceptível aos seres humanos quando incorporado em um deles.

Se Tereza Batista é de Omolu, nada a impede de ter lansã como seu orixá. Mesmo possuindo um orixá principal, o *eledá*, o dono do *ori*, cabeça, o grande regente, as pessoas sofrem influência e carregam características dos demais orixás que possuem.

Conta a mitologia afro-brasileira que lansã e Omolu são parceiros, “reinando juntos sobre o mundo dos espíritos”, de acordo com Reginaldo Prandi (2001, p. 206). Omolu teria ido a uma festa em que todos os orixás estavam presentes, mas, por ter uma aparência medonha, não entrou na festa e ficou espreitando. Ogum, o orixá dos metais, vendo a angústia de Omolu, deu-lhe uma roupa de palha que ocultava sua aparência, porém ninguém se aproximava dele. Comovida com a situação, lansã chegou bem perto de Omolu e começou a dançar como o vento, tão rápido que as palhas se levantavam.

As feridas de Omolu, com o encanto e a ventania, começaram a secar e o horrendo orixá se transformou num belo e encantador jovem. Como ato de gratidão, Omolu concedeu a lansã a habilidade de manipular os espíritos desencarnados. Por isso, em alguns rituais da Umbanda, lansã é “chamada para limpar o terreiro”, levando embora espíritos que se negam a ir para o outro plano.

Portanto, se Omolu é o grande médico e, conforme o narrador, Tereza agiu de acordo com o arquétipo desse orixá, agindo também com características de Iansã, aquela que comanda os mortos, a divindade que não teme as epidemias, ela age em parceria com Omolu. Também como Omolu, Tereza foi rejeitada e injustiçada. Podemos perceber isso no enredo, quando as beatas da cidade, em frente à igreja, lamentam o fato de ela não ter morrido na epidemia como as outras pessoas.

Na penúltimo capítulo da terceira parte, a narrativa descreve uma festa no terreiro, saudando Omolu e agradecendo por ele ter levado a epidemia embora. A protagonista, nessa festa, é aclamada como Tereza de Omolu.

Detalhando o rito citado abaixo, identificamos o “Ajexé” como um ritmo tocado no terreiro para saudar Omolu que é mais velho, sábio, feiticeiro e guardião, sendo “Obaluaiê” um dos desdobramentos do mesmo orixá, porém “Obaluaiê” é mais jovem, guerreiro e caçador. Ambos têm a mesma saudação, “atotô”.

Além disso, nessa passagem em que o autor descreve o culto, Omolu usa o “aze” de cor marrom, que é uma espécie de coroa que compõe a vestimenta da divindade, Omolu ainda dança com Jagum, que é um dos guerreiros de Oxaguiã e é cultuado em algumas religiões como um desdobramento de Omolu, por ele ter passado anos nas terras do orixás:

Dançou primeiro Ajexé, empestado Omolu, morrendo e renascendo na bexiga, na mão o xaxará, coberto com o filá o rosto em pústulas; depois dançou Jagum, Obaluaiê guerreiro, o filá e o aze de cor marrom como a bexiga negra; por fim juntos dançaram e o povo saudou o velho erguendo a mão e repetindo: atotô, meu pai! Vieram os dois Omolus e abraçaram Tereza, gente sua, limpavam-lhe o corpo e o fecharam a toda e qualquer peste para a vida inteira. (p. 236)

Na quarta parte do romance “A noite em que Tereza Batista dormiu com a morte” nos faz voltar ao período em que Tereza era amásia do doutor Emiliano, focando novamente na noite em que Emiliano fazia amor com Tereza e acabou morrendo. Tereza ainda lembra quando descobriu que estava grávida, que o doutor Emiliano a fez decidir entre ele ou o bebê e ela acabou decidindo por interromper a gestação.

Outra vez Tereza lembra-nos Iansã. Ela prepara o corpo já sem vida de Emiliano, dando-lhe banho, perfumando e arrumando a roupa para vestir o cadáver para os atos fúnebres. Para isso, dispensou a ajuda dos empregados.

De acordo com Reginaldo Prandi (2001, p. 310), teria sido Iansã quem inventou os ritos fúnebres, quando reuniu os instrumentos de caça do falecido pai adotivo, como forma de homenageá-lo.

“A festa do casamento de Tereza Batista” ou “A greve do balaio fechado” ou ainda “Tereza Batista descarrega a morte no mar” são os títulos dados à parte final do enredo, que se inicia com a frase “Seja bem-vindo, tome assento, esteja em casa neste terreiro de Xangô enquanto preparo a mesa e os búzios para olhar” (p. 339)

Tereza está no terreiro para consultar os búzios, quem narra é a Mãe Senhora, que descreverá o destino da heroína. Somente nesta parte do romance é que recebemos a confirmação do *eledá*, o orixá dono da cabeça da protagonista:

Quem se apresentou na frente com o alfanje rutilante foi Iansã, dizendo: ela é valente e boa de peleja, a mim pertence, sou a dona da cabeça e ai de quem Ihe faça mal! Logo atrás compareceram Oxóssi e Iemanjá. Com Oxóssi Tereza veio da mata espessa, do agreste ralo da caatinga seca, do sertão ardido e desolado. (p. 340)

Iansã se mostra a dona da cabeça, a “mãe” da protagonista, fato este antes incerto, a partir desse momento confirmado. Outra certeza que temos é que Omolu é seu orixá do corpo, quando a Mãe Senhora Ihe diz que Omolu veio reclamar o seu cavalo, Tereza era seu cavalo enquanto ela combatia a bexiga. Outra vez, o narrador refere-se à incorporação do orixá, quando usa o termo “seu cavalo”.

Em meio a essa consulta, descobre-se a protagonista protegida por grande parte dos orixás, incluindo Oxalá, que é o orixá maior, criador do homem e do mundo, pai de todos os demais orixás, contudo ela pertence a Iansã. Sob a proteção dos orixás, Tereza passa a trabalhar em cabarés de luxo, frequentados pelos mais ricos coronéis, porém o governo decide por deslocar os prostíbulos mais pobres para uma região de condição deprimente. Por mais que Tereza não estivesse envolvida diretamente, tomou para si as dores das outras prostitutas e se revoltou contra a ação violenta da polícia para tentar tirar as mulheres que se recusavam a sair dos prostíbulos.

Então Tereza teve uma ideia: fazerem uma greve, nenhuma prostituta trabalharia enquanto o problema não fosse resolvido. Concomitante a isso, estava por chegar um navio com marinheiros americanos, que procurariam as

mulheres. Sem as grevistas, não haveria movimento e isso prejudicaria a economia da região. Este movimento ficou conhecido como greve do balaio fechado, intitulado essa parte da narrativa.

Ao liderar as prostitutas para combater a bexiga negra e na greve do balaio fechado, Tereza demonstrou liderança, coragem e persistência, comportamento típico das “filhas” de lansã.

O episódio do balaio fechado nos remete à comédia grega *Lisístrata: a greve do sexo*, de Aristófanes, em que as mulheres gregas instituem uma greve de sexo para conseguirem a paz. Assim como em *Lisístrata*, a greve das prostitutas teve êxito.

A polícia, de forma violenta, tenta forçá-las a voltarem às atividades, porém, com a ajuda dos orixás, Tereza as lidera e as mantém firmes na convicção da greve. O próprio Oxalá engana os inimigos de Tereza, criando ilusões e os confundindo:

- Nunca encontrou em seu caminho, em hora de perigo, um velho de bordão?
- É verdade. Nunca o mesmo, mas sempre parecidos.
- Oxalá cuida de si. (p. 436)

A divindade vinha à Terra para cuidar de Tereza, ele próprio, na figura de um velho. Na forma do Oxalá velho, Oxalufã, sincretizado com Deus, é o orixá que deu aos homens o livre-arbítrio para trilhar seu próprio caminho.



Oxalufã (Oxalá velho)

Oxalá possui dois desdobramentos: Oxalufã (o Oxalá velho), e Oxaguiã (o Oxalá novo). Oxalá representa sabedoria, serenidade e respeito. Podemos observar a diferença entre os dois orixás através de seus instrumentos, Oxaguiã traz a espada, o escudo e o pilão, pois defende os injustiçados. Por sua vez Oxalufã traz o cajado ou *opaxorô*, o cetro do poder.



Ilustração: Aurilda Sanches

Site: <https://br.pinterest.com/juniorsenarj/aurilda-sanches/>

Vagner Gonçalves da Silva (1994) explica-nos o sincretismo que há entre Oxaguiã (o Oxalá novo) com Jesus:

Devido a essas características, o culto a Oxalá foi relacionado com a devoção católica a Jesus, também filho do criador supremo e salvador dos homens na Terra. Exemplo desse sincretismo entre Jesus e Oxalá aparece numa das festas mais populares da Bahia, a lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim. (SILVA, 1994, p. 80)

Tereza recebia a proteção de Oxalufã, que no sincretismo foi relacionado a Deus, o orixá vinha a Terra para interceder pelos caminhos de Tereza, interferindo em alguns acontecimentos. Oxalufã não se incorporava em alguém para guardar pela personagem, ele se personificava para agir.

No transcorrer do enredo, a protagonista achou que Januário havia morrido em uma tempestade no mar, fato que foi descrito por um amigo dele que diz que o amor de Tereza, havia virado noivo da Janaína em bodas no fundo do mar.

Tereza, em virtude de ser a líder da greve do balaio fechado, foi presa e torturada. Quando foi libertada, foi pedida em casamento por Almério das Neves, um frequentador do cabaré que era apaixonado por ela.

Tereza aceita o pedido de Almério. A festa de casamento seria animada pelos músicos Dorival Caymmi, Caetano Veloso e Gilberto Gil. No entanto, momentos antes de subir ao altar, Januário surge e Tereza acaba por se casar com o pescador. Com ele, acaba encontrando o amor e a paz que tanto almejava. Já no convés do barco, no mar, Tereza Batista descarrega as três mortes que mantinha nas costas: o capitão Justiniano, o doutor Emiliano e o filho abortado.

A água, tanto para a Igreja Católica quanto para a Umbanda, é vista como um elemento de purificação. Tereza carregava consigo a culpa dessas três mortes. No mar, ela deixou nas águas os arrependimentos dos seus erros. Purificando-se, pode seguir em paz uma nova trajetória com a perspectiva de constituir uma família com o homem que ela tanto amava.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo desta monografia conhecemos a biografia e características do escritor do romance *Tereza Batista cansada de guerra*. Jorge Amado nasceu na Bahia e como autor alcançou prestígio até mesmo fora do Brasil, tornando-se, em 1961, membro da Academia Brasileira de Letras.

O escritor teve diversas de suas obras traduzidas e adaptadas para o cinema, televisão e teatro. Jorge Amado por meio de seus romances promovia certas representações do Brasil, através de um olhar ímpar sobre a cultura, o sincretismo religioso e a mestiçagem racial.

Jorge Amado em sua trajetória como escritor teve duas fases, a primeira com romances focalizando o proletariado e na segunda fase o autor percebe, com outra perspectiva, o aspecto das classes sociais, passando a ver os pobres como detentores da liberdade. Essa segunda fase também ficou marcada pela presença das protagonistas femininas, Gabriela, Dona Flor, Tereza Batista e Tieta.

Além de um prestigiado escritor, Jorge Amado se destacou, também, na política. O autor baiano defendia a igualdade, enquanto deputado federal criou uma lei, que tem vigência até os dias de hoje, amparando a liberdade de culto religioso. Jorge Amado tinha como objetivo reduzir os ataques contra as religiões de matriz africana, crença que conhecia bem, pois era frequentador de terreiros de Candomblé desde os quinze anos. O autor recebeu o título honorífico de Obá de Xangô devido ao reconhecimento de seu esforço em combater a discriminação às religiões afro.

Após a biografia passamos a explorar, no segundo capítulo, aspectos religiosos, direcionando-nos à chegada dos negros ao Brasil, visto que eram escravizados, eram separados da família, isolados por razão dos idiomas e abrigados na senzala. No ambiente precário, possuíam apenas uma coisa em comum, o culto aos orixás.

Muitos orixás, divindades africanas, perdiam sua real função. Na África, eram cultuados individualmente e no Brasil eram reverenciados de forma

coletiva. O melhor exemplo seria o orixá Ogum, que em território africano era o deus do metal e no Brasil perdia essa missão, em virtude de os negros aqui serem acorrentados com o mesmo metal forjado pelo orixá. Assim, Ogum, no Brasil, passou a ser reverenciado como o guerreiro que libertaria seu povo.

A religião afro era malvista pelos portugueses cristãos, que consideravam a crença pagã, conseqüentemente, houve a tentativa de extermínio da religião. Porém, no fluxo contínuo de novos escravos, que ainda preservavam a fé nos orixás, os cativos encontraram uma maneira de continuar cultuando suas divindades, através do sincretismo.

O sincretismo é basicamente a composição das relações entre o catolicismo trazido pelos portugueses e as manifestações religiosas sustentadas pelos africanos. Para poder camuflar sua crença, os cativos associaram seus orixás aos santos católicos. Desse modo, podiam continuar cultuando suas divindades.

No entanto, na obra literária *Tereza Batista cansada de guerra*, em que baseamos nosso trabalho, não há sincretismo ao descrever os orixás. O autor expõe os ritos africanos sem qualquer preconceito e os orixás são colocados na narrativa frequentemente, em alguns momentos até mesmo interferindo no destino da personagem principal.

No último capítulo desta monografia, observamos a construção da personagem principal do romance *Tereza Batista cansada de guerra*. Visto que o autor possuía compreensão sobre as divindades da religião afro, Jorge Amado concebeu Tereza Batista, uma mulher corajosa e forte, como lansã, e caridosa e compadecida com o próximo como Omolu.

Tereza Batista é destemida, apesar de todas as experiências negativas que viveu no decorrer do enredo. Ela não permite injustiças nem opressão aos mais fracos, comportamento peculiar dos filhos de lansã. A protagonista não fugiu da epidemia de varíola, pois, como Omolu, cuidou dos doentes e recebeu, posteriormente, agradecimentos do orixá.

Pudemos observar na obra a existência de personagens reais, como, por exemplo: a dona do terreiro que Jorge Amado frequentava Mãe Senhora, o

amigo do autor e fotógrafo Pierre Verger e os músicos Dorival Caymmi, Gilberto Gil e Caetano Veloso. Outro ponto que não podemos ignorar é que o escritor valoriza os ritos originais das religiões de matriz africanas, relata, não só na obra *Tereza Batista cansada de guerra*, mas em outras também, os aspectos positivos dos cultos aos orixás. Era por meio de suas obras que Jorge Amado divulgava a cultura afro, que ainda nos dias atuais, para muitas pessoas, continua desconhecida.

Ao fim dessa monografia, pudemos constatar, através da descrição e das ações da protagonista, de onde vem a força de luta dessa mulher baiana, sofrida e filha de Iansã e Omolu. Tereza não se abalava e encarou sua sina, como é relatado no romance: “*Assim Tereza Batista embarcou em seu destino, peste, fome e guerra*” (p. 84).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *O livro essencial da Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BRASIL, Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CANDIDO, Antonio et. al. *A personagem de ficção*. 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Coleção Debates).
- GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. Trad. Isa Maria Lando, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. 14. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- PRANDI, Reginaldo. Posfácio. In: AMADO, Jorge. *O compadre de Ogum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1979.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos os santos*. Trad. Tasso Gadzanis. 4. ed. Salvador: Corrupio, 2002.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. 5. ed. Salvador: Corrupio, 1997.

Referências eletrônicas

AS MULHERES de Jorge Amado. *Zero Hora digital*, Porto Alegre, agosto 2012.
Literatura. Disponível em:

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2012/08/as-mulheres-de-jorge-amado-3846082.html>. Acesso em: 30 maio 2016.

www.jorgeamado.org.br/?page_id=75. Acesso em: 10 maio 2016.